ANO 5.º — Sexta-feira, 23 de Agosto de 1912 — NUMERO 235

# O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Ano (Portugal e colónias) | 1$200 réis |
| Semestre | 600 réis |
| Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte | 2$500 réis |
| Avulso | 20 réis |

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões



# Tristes heranças

Vivendo-se mais de meio seculo num verdadeiro charco de miseria moral, onde a sociedade portuguêsa asfixiava, afundando-se cada vez mais nêsse mar de lama e de ignominia, no fundo do qual se debatia como de todos o mais saturado, o chefe da nação; modificado na sua essencia, dum dia para o outro, o regimen á sombra do qual germinavam e progrediam todas as infamias e baixezas, não é para estranhar que as instituições de hoje se resintam e sofram dum ou doutro mal, que, herdado da monarquia, ainda se manifeste, pela simples razão de que não está feita a cura que se impõe como medida de indispensavel moralidade e ainda para que, e isto muito principalmente, se não atribua aos govêrnos da Republica, conivencia e solidariedade com os erros que se dão, com os crimes que ainda se praticam.

Uma sociedade da qual a sua maior parte nasceu defrontando-se com a imoralidade, como lêma principal da sua orientação, desenvolvendo-se no conhecimento e na prática de toda a especie de crime que a escandalosa protecção politica absolvia e desculpava, encorajando os delinquentes a novos cometimentos; esses, que encanecidos e identificados em tal doutrina, perdido o sentimento da honra e da moral, se lançavam aberta e escandalosamente pelo caminho da desmoralisação, cometendo e pactuando em toda a especie de acto de que, fosse como fosse, adviésse algum proveito.

Assim, morta toda a flôr de sentimento nobre, a sociedade portuguêsa, que diariamente mais se corrompia no conhecimento da prática de todos os crimes que nas camadas superiores, e até régias, se cometiam, caíu no lamaçal onde se debateu, até que o grito de revolta, secundado pelo fumo purificador dos canhões, sacudindo-a, lhe apontou o caminho do dever e da honra!

A transformação estabeleceu novos horisontes e abriu melhores caminhos por onde enveredou, pela força natural das circunstancias, o povo português.

Mas a muitos daquêles a quem os abusos de toda a especie tinham invadido o organismo, debruçando-os na vertigem do crime, continuáram, apesar de tudo, a amoldar ao novo meio social a possibilidade de novos cometimentos.

Tem as novas instituições responsabilidade directa nêsses acontecimentos?

Nêste momento, não; mas tel-a-ha se não fizer substituir dentro da brevidade de possivel, todos quantos não despiram o fato velho dos seus erros, fóra do novo portal por onde tivéram de entrar visto que a Republica, ou por complacencia ou por dificuldade, não os poude fazer de pronto substituir, consentindo-os na permanencia das suas funções.

O que se tem passado com o poder judicial, o que ainda se está dando no desempenho de altas funções, com perigosa reflexão nas diversas camadas sociaes, é do conhecimento de todos.

Não ha pois que estranhar o que entre nós se está passando com o tristemente vergonhoso caso do pseudo-livramento de mancebos do serviço militar, a troco de dinheiro, que um dos specimens do regimen passado continúa a praticar dentro da Republica!

A prática dêsse e de outros abusos por o autor da proêsa, cometidos á sombra da mais descarada protecção que sempre redundou em absoluta impunidade, que o espirito do culpado muito bem considerava como conivencia; o seu grau de parentesco com diversas personagens de relativo valor nas camadas superiores, assim como outras razões sociaes, e ainda a lendária ganancia do seu feitio aliada ao nenhum escrupulo da sua pessoa, colocou-o na possibilidade de efectuar todos os crimes, os mais repugnantes, como, ainda de que ha muito fôsse do dominio público, o que agora se evidenciou da maneira a mais inconfundivel!

Mas não é só nêste genero onde a sua acção se faz sentir. Em muitos outros, quer na sua vida politica quer na sua clinica, para não ir mais longe, tem-es êle evidenciado em casos que, apezar de reaes, se nos antolham verdadeiramente inverosimeis até onde é capaz de levar a sua acção, seja em que campo fôr, desde que advenha lucro, provenha dinheiro ou cousa que o valha.

Esta creatura é um exemplo vivo do meio social de onde proveiu, agravada com a faculdade da sua natural tendencia para a preversão, para a exploração em qualquer campo onde a possa exercer, sem escrupulos, sem consciencia, sem a mais leve observação pelas circunstancias do explorado!

Certamente será extirpado da área da sua acção reconhecidamente criminosa e deletéria, e, assim, néssa medida, pratíca a Republica um acto de moralidade expurgando do seu organismo quem não vacila em conspurcal-a da maneira a mais vil, a mais afrontosa.

Só dêste modo, uns por que se denunciarão, outros porque denunciados já estão as instituições pódem enxutar de onde possam fazer mal, aquêles que as tentam comprometer, indo de pouco a pouco restabelecendo o império da justiça e da moral, para que de todo se apaguem os tristes vistigios da não menos triste herança que nos legou a monarquia, junta com o *deficit* formidavel que, por cérto, mais tempo demorará a pagar.

Tristes heranças, para as quaes se exigem prontos remedios, como infelizmente se dá com o escandalosamente celebre caso da vergonhosa *chantage* com os recrutas, da qual cabe inteira responsabilidade—ó Deus!—a um proprio medico militar!!!

## Ministro da Justiça

Estêve ontem em Aveiro, visitando o muzeu e alguns pontos da cidade, o sr. dr. Corrêa de Lemos, ilustre membro do actual govêrno.

S. Ex.ª retirou pela linha do Vale do Vouga, no comboio das 15 horas, para Oliveira de Azemeis, onde vai descançar algum tempo, sendo acompanhado até Agueda pelo governador civil substituto, em exercicio, sr. dr. Mélo Freitas.

**Sabendo nós que o tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz recebeu, ha pouco, algumas dezenas de mil reis, assim como uma arroba de assucar, um queijo flamengo e um kilo de chá por ter livrado do serviço militar um mancebo submetido á junta de inspecção instaláda nésta cidade, não poderá o sr. ministro da guerra mandar inquirir se o bôlo foi só para o medico miliciano ou dêle compartilharam tambem os membros da junta?**

**Pela nossa parte desde já declarâmos que não crêmos na sua divisão.**

**Mas em todo o caso é bom averiguar.**

## Se êle se conhecesse...

Na opinião do sr. Antonio José de Almeida manifestada num artigo da *Republica*, diario lisbonense, *o sr. Bernardino Machado é um homem inteligente, mas a sua inteligencia, que por vezes chega a ser luminosa, é, por via de regra, incérta e desconexa, embora de uma incerteza pautada e de uma desconexação sisuda e bem falante que lhe dá as aparencias de uma figura gràve e coerente.*

O sr. Antonio José de Almeida, decididamente, esqueceu-se de que estava fazendo a sua auto-biografia...

Ou então não se conhece...

**O Democrata**, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

## RESPONSABILIDADES

# Um processo instaurádo contra o tenente medico miliciano Pereira da Cruz

### As revelações de O DEMOCRATA no ministerio da guerra

## Primeiros depoimentos

O nosso brado de protesto contra a ignobil traficancia que ha tanto, vergonhosa e impunemente, era o pão de cada dia, sem que o seu autor, supostamente seguro da sua impunidade, perdesse sequer um pouco da auréola de falsa magestade com que se cérca, ecoou por esse país fóra, seguido do aplauso dos que, como nós, combatem pelo respeito dentro da lei, pela moralidade dentro do regimen.

A continuação do que se praticáva, imoral e indecentemente, por conta dos homens do regimen deposto, evidenciando-se a cada passo, no que deveria ser mais sério e honesto, não podia nem póde manter-se pelo menos com o silen io ou com a indiferença dos que sempre aqui e lá fóra combateram taes actos, que nos fizeram merecer a ironica e vergonhosa designação de *Turquia do ocidente*!

O silencio, que desde o inicio da infame torpêsa a cercáva e mantinha, feito por a complacencia e indiferença duns e pela ignorancia doutros, os pobres explorados, redobrava o alento do miseravel autor da ignominiosa negociáta, que se julgou em país conquistado e apto para toda a série de vergonhosas explorações, que a opinião pública conhece e aponta, só por si mais que edificantes para difinir um homem, para concretisar um caracter!

Aveiro, como Agueda, como Ovar, como em toda a parte onde eles existirem, tem de fazer a sua selecção, expurgando do seu seio, sem tergiversações nem a mais leve complacencia, aqueles sobre quem pése a gràve e vergonhosa responsabilidade de actos do molde destes que aqui vimos tratando e revolvendo!

Muitos dos cinicos e miseraveis, que viviam chafordando na lama mefitica da monarquia e do produto material dos seus crimes aos quaes sacrificavam a mais simples parcela de qualquer sentimento que o mais rude e ignorante cidadão poderia honrar em qualquer circunstancia, contando com a indiferença e tolerancia dos dirigentes dêste desgraçado país, bateram as palmas e abraçaram o novo regimen, que, apesar de bem saberem quanto significava a sua implantação, se amoldavam á vontade nacional, na errada esperança de continuarem na obra de miseria e de delictos que vinham cometendo.

O sr. dr. Manuel Pereira da Cruz foi um dêsses!

Integrou-se prontamente nas novas instituições, filiando-se por indução familiar, talvez, num dos grupos mais avançados em que se dividiram as forças republicanas, e eil-o, de barréte frigio, na continuação e na prática dos mesmos crimes, embolçando com egual *patriotismo* antigo o produto sujo e repugnante do seu *negocio*, sem que lhe escaldasse as mãos, sem que lhe queimasse os bolços!

Mas... se tudo isto, quanto da opinião pública e da existencia dos factos para aqui trouxémos e referimos, é falso; se tudo isso são resultados de inimizades pessoaes, para quê essa roda viva em que anda o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz?

Para que foi o nosso heroe a Lisboa, a Agueda, para que manda tomar nota dos nomes dos ultimos mancebos inspeccionados em Ilhavo, para que se debate e cança o cavalheiro no emprego de todo o estratagêma inclusivé as amiudadas visitas á Gafanha. áquéla mina já tão explorada, mas não menos prometedora, apresentando todos os anos novos filões, para que se acóde a todo o ponto vulneravel da questão?

*Quem não déve, não téme*—é diz a sabedoría das nações.

O sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, alheio a toda essa miseria, esperava, tranquilo, o momento em que, evidenciando a sua honrada conducta e a negrura da calunia que lhe era imputada, se podería erguer austéro e limpo, aos olhos dos seus concidadãos!

Mas não sucéde assim.

A azafama, que é visivel, as *medidas* tomadas e a agitação notada, é mais que suficientemente indicativo de que o naufragio se aproxima e nada nêste mundo poderá salvar o incompetente *mestre* que deixa sossobrar desgraçadamente a falúa que ha tanto govérna sem critério nem brio, a depois de ter batido contra o áspero rochedo da deshonra.

E para cumulo do desastre, o indigno marinheiro vestiu o seu unifórme, para que ninguem, com esse distintivo, o confundisse ou não o reconhecesse!

Façâmos-lhe a vontade, acudindo, não para o salvar, mas para conseguir, ao menos, que ele não suje a bandeira indicativa da nacionalidade a que pertence e que já não é, felizmente, a azul e branca que tambem ajudou a manchar com as *escroqueries* á sombra déla cometidas.

* * *

Ha dias que se acha nésta cidade o major de infanteria, sr. Agostinho Manuel da Silva Ferreira, que vinha para sindicar dos actos atribuidos pelo *Democrata* ao tenente medico miliciano, Manuel Pereira da Cruz.

Perante esse ilustre militar comparecêmos já, intimados pelas vias competentes, resultando das nossas primeiras declarações o levantamento do auto de corpo de delito visto se ter evidenciádo a existencia do crime contra o qual nos revoltámos pelo pouco escrupulo de que o medico Pereira da Cruz tem dado mostras no exercicio das suas funções.

Uma das perguntas formuladas pelo sr. major Agostinho Ferreira, foi esta: *se nós eramos o autor das acusações feitas no* Democrata *ao tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz e délas tomávamos a responsabilidade.*

E', como se vê, uma pergunta que para a questão nada adiantava e de aí a nossa resposta inalteravel: *posto que sejâmos o director e editor do jornal* O Democrata *e por isso o responsavel, em face da lei, por tudo quanto o referido jornal publíca, Arnaldo Ribeiro reserva-se o direito de só judicialmente declinar a autoría dos artigos respeitantes ao tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz.*

E' que nós não sômos o réu; quem é o réu é o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz que hade provar primeiro em conselho de guerra que são falsas as acusações que aqui lhe temos feito para depois exigir de nós a devida responsabilidade fóra do tribunal militar, que não nêste com o qual nada têmos.

Perguntaram-nos em segundo logar se poderiâmos apresentar testemunhas que afirmem que o tenente medico meliciano Pereira da Cruz recebeu dinheiro directa ou indirectamente de mancebos recenceados com promessa de isenção do serviço militar.

E' esta a base da acusação e a éla o nosso director respondeu: que de ha muito era do seu conhecimento por o ouvir á opinião pública, que o medico miliciano Pereira da Cruz fazia negocio com a isenção de mancebos do serviço militar; que mais ouvia dizer em conversas por estabelecimentos da cidade, que o medico Pereira da Cruz passava atestados mediante quantias varias a mancebos que para esse fim o procuravam e que com êles se apresentavam na inspecção para justificarem doenças de que jámais sofreram. Que, porém, nunca disso fez uzo na imprensa por não ter elementos comprovativos da verdade. Todavía, agora trouxe a público nos n.os 233 e 234 do jornal de que é director as acusações que lá se vêem insertas por julgar que de fór-

ma alguma pódem ser refutadas. **Acusou o jornal o medico miliciano Pereira da Cruz de ter negociado por 30$000 reis a isenção do serviço militar dum mancebo da Gafanha e ainda de contratar com mais dois, mediante dinheiro tambem, a sua isenção por isso lhe ter sido afirmado duma maneira categorica e positiva pelos tenentes medicos Evaristo Duarte Geral e Armando Macedo e o capelão Jaime José Ferreira, o primeiro dos quais lhe mostrou declarações assinadas pelos tres mancebos acima referidos, não restando portanto a menor duvida ao declarante, atenta a nobrêsa de caracter dos referidos oficiaes, de que realmente o tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz havia cometido uma imoralidade e até um crime.**

Mais explicitos do que isto não podêmos ser. Está, pois, formado processo em virtude do qual déve ser julgado em conselho de guerra o medico miliciano Pereira da Cruz que abusou da sua farda para explorar infamemente, ignobilmente os pobres a quem incutiram horror pelo serviço militar com fins manifestamente criminosos.

Atendeu-nos o sr. ministro da Guerra. Para prestigio e dignidade da Republica resta agora que a Justiça se pronuncie em ultima analise, imparcial e inflexivel como o exige a honra do exercito.

## A' CAMARA

Recebemos o seguinte comunicado:

... *Sr. redactor*

Chamo a sua atenção para o assunto que segue:

O pintor que por conta da câmara tem tratado da numeração dos predios, provavelmente sem indicação ou fiscalisação competente, mas a seu talante, tem feito por aí uma verdadeira *salsada*, bem digna de reparo e corréção.

Por exemplo: um predio de *duas portas*, habitado por *uma só familia*, tem, na primeira porta, a contar do n.º 1, o n.º 5, por exemplo, e a segunda porta, o n.º 5 A. Está muito bem.

Outro predio, do mesmo lado, egualmente habitado por *uma só familia* e com *duas portas*, tem na primeira o n.º 7 e na segunda o n.º 9!

Ainda mais, e melhor: outro predio, do mesmo lado, tambem habitado por *uma só familia* e com *duas portas*, tem, na primeira, o n.º 11 A e na segunda o n.º 11!!!

Esta, então, é unica! O pintor, que vae desde o começo da rua a contar os n.os e a pintal-os, quando lhe dá na *môna*, chega a uma casa de *duas portas*, embora éla seja habitada por *uma só familia*, e põe *na primeira porta* o n.º 20 A, por exemplo, e *na segunda*, então, é que põe o n.º 20! Conta de traz para deante. Ora se isto não é um êrro, então a logica é uma batata pôdre! Acudam a taes disparates emquanto é tempo, rectificando o que está mal feito.

*Um seu constante leitor.*

### "O Patriota,,

Chega-nos este novo jornal que ha pouco iniciou a sua publicação em Lausana, Suissa, como orgão mensal da Sociedade Academica Portuguêsa.

Apresenta-se muito bem redigido em português e francês, com artigos que fazem honra aos seus autores e que, como bôa doutrina, bem merecem das nossas especiaes referencias, desejando ao *Patriota* todas as prosperidades de que carece para poder manter-se.

### Principio de incendio

Fôram chamados na quarta-feira á noite os socórros para uma casa do Largo da Estação onde se manifestou incendio devido á falta de limpêsa da chaminé.

Chegáram a saír os bombeiros voluntários com o seu material, que não foi utilisado por o fôgo ter sido prontamente extinto.



AINDA A INCURSÃO

# Os sucéssos de Cabeceiras de Basto

## fôram devidos ao administrador, Mendonça Barreto

## QUEM TEM RAZÃO?

O jornal de Lisboa *Republica* publicou uma sensacional entrevista com o sr. dr. Florencio Lobo em que aquêle cavalheiro narra com cérto conhecimento de causa o que se passou em Cabeceiras de Basto antes dos motins que ali se deram, atribuindo-os em grande parte ao afastamento de Mendonça Barreto dos verdadeiros elementos republicanos para, cégamente, se juntar ao padre Domingos, ás mãos de cujas hostes morreu.

Reproduzindo-a, nós queremos fazer vêr aos que nos censuráram pela atitude que o *Democrata* tomou perante os elogios de alguns colégas ao assassinádo administrador, que Mendonça Barreto não era nada de aquilo que se dizia, embora tivesse dado mostras de coragem pela maneira como se defrontou com os seus amigos da vespera.

E se assim era ou não confirmam-no as palavras do entrevistado da *Republica*, de que os nossos leitores vão ter conhecimento:

—As origens do movimento de Cabeceiras de Basto? perguntámos, quando em meia duzia de palavras nos disséram o que sería o depoimento que iamos ouvir, ali a uma mesa do *Martinho*.

O sr. dr. Florencio Lobo, que é na circunstancia o depoente, sorriu, e retorquiu:

— As origens, não... Não é propriamente das origens que se trata. No entanto o que lhe vou referir lançará uma grande luz na historia dêsse movimento. Não estava presente, é certo, quando êle se declarou, mas, nem por isso, me surpreendeu. Tanto eu como os meus amigos tinhamo-lo presentido ha muito, possuindo nas nossas mãos grande numero dos fios da conspiração durante mezes urdida sem incomodo, quasi á clara luz do dia. Porque era néstas condições que em Cabeceiras se conspirava contra a Republica...

— Mas a autoridade?... perguntámos-lhe.

O sr. dr. Florencio Lobo,—que, registe-se de passagem, preside actualmente á Camara Municipal daquêle concelho,—apenas nos respondeu, num tom nervoso mal dissimulado:

— Não sabia vêr, atribuindo todos os avisos que se lhe davam e todas as provas que se lhe ofereciam, ao facciosismo e á continuação de uma politica restritamente partidaria, como já fôra taxada aquéla que eu fizéra, sendo administrador do concelho, por não transigir com elementos suspeitos e que nenhum lustro dariam á Republica com a sua adesão. Um dêles era o celebre padre Domingos, que eu um dia tive de prender, sabendo-o implicado no assalto á redacção de *O Democrata*. A esse tempo já nós haviamos adquirido a convicção, ainda que fundamentada em poucos factos, de que êle conspirava, sobretudo na zona norte do concelho, que, apezar dos exforços empregados, eu e os meus amigos não conseguimos furtar á influencia dos padres fanaticos... Pois apezar disso, padre Domingos foi solto mais tarde, a instancias de pessoas em evidencia no partido republicano.

— E' natural que esses republicanos, simplesmente por que o são, tenham procedido de bôa fé, não acha? perguntámos.

— Sim, é natural,—respondeu o sr. dr. Florencio Lobo,—que ao menos alguns hajam procedido de bôa fé, tanto mais que o padre Domingos se havia filiado no centro democrático. Como quer que seja, essa protecção desgostou os elementos historicos do concelho, dando um grande prestigio ao padre Domingos, que teve uma entrada retumbante em Cabeceiras, no meio de vivas a êle e de gritos de abaixo a autoridade administrativa—que era eu. E que o cabecilha soube aproveitar esse prestigio, mostra-o bem quanto posteriormente se passou. Tendo dito algumas vezes antes da sua captura,—sinceramente ou não, pouco importa,—que iria para o Brazil,—ante o bom terreno que encontrava, não tornara a falar mais em deixar a terra, sobre a qual êle trataria de espalhar a semente da rebelião.

### O administrador do concelho assassinado, apezar de todos os avisos e de todas as provas de que eram inimigos da Republica aquêles por quem se guiava, preferiu sempre estes aos elementos históricos do concelho

Conhecendo-o bem, sabendo quanto era esperto e audacioso, eu e os meus amigos não só não tomámos a sério que êle viésse para a Republica, havendo quem o esperasse, como não cessamos de o vigiar. E porque era energica, aturada, não nos permitindo um minuto de descuido, a nossa acção acabou por ser considerada—graças ás intrigas dos que lucrariam com que éla acabasse—menos conveniente á Republica, carecida de uma politica de pacificação e de harmonia entre os elementos historicos do partido e os republicanos de cinco de outubro. Nésta circunstancia resolvi solicitar a minha demissão. Não foi facil escolher um novo administrador, sendo-nos, por fim, indicado Mendonça Barreto, a quem haviam sido dadas instruções para congraçar todos os elementos honestos de Cabeceiras de Basto, afastando, porém, quem não aderisse lealmente ao regimen. Nem o governador civil do distrito nem eu conheciamos o novo funcionario. Em Braga, logo que chegou, trocaram-se entre nós tres ligeiras impressões, lembrando-me muito bem que aquéla autoridade o prevenira de que no concelho havia elementos com os quaes não se tornava possivel transigir, e que a estas observações Mendonça Barreto respondeu não ter intenções reservadas ácêrca de qualquer pessoa. Por minha vez, declarei que eu e os meus amigos, republicanos historicos, lhe dariamos todo o apoio necessario, não nos recusando a guiar sempre que êle entendesse conveniente, a sua conduta no concelho. E como repetisse a observação do governador civil do districto, ácêrca de elementos que nenhuma garantia de seriedade ofereciam, Mendonça Barreto respondeu-me isto, —que eu e o governador civil intimamente extranhámos: *Para mim todas as pessoas são bôas até prova em contrario; com o passado délas nada tenho, procurando orientar-me apenas pelo seu proceder no futuro.* Confesso-lhe que vi logo néstas palavras uma vaga alusão a uma das *vitimas* dos republicanos historicos: ao padre Domingos, filiado no democratismo. Tendo oferecido a Mendonça Barreto o meu carro, era meia-noite quando chegámos a Cabeceiras.

No dia seguinte devia ter lugar a posse. Para isso e por uma atenção que era devida, fui buscar o novo administrador ao hotel. Com grande assombro meu, encontrei-o á mesa, pegado em conversa amena com o padre, presumindo imediatamente que trazia instruções para se entender com êle, por isso que percebi muito bem que falavam de politica local. O embaraço de ambos tornou-se-me patente, tentando Mendonça Barreto oculta-lo, pondo-se por isso a falar de medidas que ia adoptar contra os frequentes roubos de galinhas que se estavam praticando—o que era verdade,—nas capoeiras do concelho. Do hotel, o novo funcionario e eu seguimos para a administração, onde lhe dei posse. Falando no acto, disse-lhe que esperava dêle uma conduta de honesto e bom republicano, uma politica de saneamento e de moralisação do concelho. A isto respondeu Mendonça Barreto que adotaria aquéla linha, ferindo porém a nota, que já na vespera acentuara, de que nada tinha com o passado das pessoas, e que como autoridade não conhecia a politica, mas apenas a lei. Começámos então a esperar que a nova autoridade iniciasse as primeiras *démarches* no sentido de uma prometida moralisação e republicanisação do concelho, e que éla apresentasse uma *plataforma* que pudesse unir os elementos historicos aos republicanos de cinco de outubro.

Foi baldada essa espectativa. Barreto nenhum passo deu naquêle sentido. Como autoridade, jámais se guiou pelas comissões politicas e administrativas e pelos elementos individuais historicos do concelho, preferindo a estes o grupo do padre Domingos. Quer um caso simtomatico?... Em substituição de um individuo que lealmente aderira á Republica e que exercia o cargo de encarregado de um posto do registo civil, sabe quem Mendonça Barreto nomeou? Nada mais nada menos do que um individuo que nós indicávamos como conspirador e que foi um dos mais sanguinarios cabecilhas do movimento, aquêle mesmo que deitou arsénico no vinho destinado aos soldados das tropas republicanas! Nunca em tempo algum, em parte alguma se conspirou tanto ás claras como então em Cabeceiras. Sabia-se quem fazia o correio entre a Galiza e o concelho, sabia-se que estava entrando armamento, o caminho que os portadores dêle costumavam seguir e que era o padre Domingos quem o recebia. Apenas se ignorava o local onde era escondido. Avalia decerto o desgosto dos nossos amigos, dos republicanos sinceros do concelho. Em consequencia disto, perdida já a paciencia, Mendonça Barreto foi convidado para uma conferencia comigo e com os representantes das comissões politicas locais,— que se realizou no gabinete da presidencia da Câmara, sendo-lhe nessa ocasião apresentadas diferentes provas do movimento que se estava preparando e precisando-se-lhe até os nomes de alguns dos cabecilhas. O administrador tomou notas, prometeu providenciar e...nada fez. Chamado de novo á nossa presença, acusado do seu modo de proceder, a discussão entre nós e êle foi violenta, acabando-se por dizer-lhe que êle tinha tanto, como nós, a certeza de que se conspirava e de que o padre Domingos era um dos chefes do trama. A isto retorquiu Barreto que o procuravamos intrigar com aquêle. Por fim Afonso Henriques de Vasconcelos, um dos que assistia á conferencia, declarou terminantemente que logo que visse a sua vida, a vida dos seus amigos, a segurança e o prestigio da Republica em perigo, tomaria todas as medidas de defeza, as mais decididas e eficazes. E assim nos separámos de Barreto.

### Como se explica o assassinato de Barreto, não sendo este mal visto pelo grupo do padre Domingos?

O sr. dr. Florencio Lobo, após uma curta pausa proseguiu:

— O resto sabe v. O movimento estalou, odiento e implacavel, transformando-se os rebeldes em alcateias, na perseguição dos republicanos.

— Mas como se explica, depois do que acaba de referir, o assassinato de Mendonça Barreto? perguntámos.

— Em primeiro logar, respondeu-nos o sr. dr. Florencio Lobo, o padre Domingos não estava no grupo que fez fogo sobre a praça central da vila onde Barreto caiu morto. Nesse grupo encontrava-se o paroco da freguezia de Outeiro, com quem o administrador havia tido ha duas semanas uma discussão violentissima prestes a volver-se em pugilato. Depois junto de Barreto achavam-se alguns dos mais dedicados republicanos e portanto dos mais odiados. Não seriam estes os alvejados? Teria sido alvejado o administrador? Inclino-me para esta hipotese, tanto mais que o paroco do Outeiro se gabou de o ter varado com uma bala sua. O que é verdade—e até confirmado por alguns conspiradores presos,— é que o padre Domingos, ao saber do crime, ficara indignado, dizendo que Barreto não devia ter sido morto, visto ser seu amigo. Mas ha mais ainda: no dia do crime de que foi victima, o administrador fôra de manhã a Braga a fim de trazer alguns homens que concertassem os fios telegraficos que tinham sido destruidos pelos rebeldes; no caminho, tanto á ida como á volta, encontrara diversos grupos monarquistas sem que nenhum deles o ameaçasse com o menor gesto hostil. Todavia esses grupos haviam feito fogo sobre quatro praças de cavalaria que tinham descido de Ruivães em reconhecimento e obrigado a recuar, a tiro, um *auto*, onde alguns republicanos de Braga vinham em socorro dos de Cabeceiras...

O aparecimento de duas ou tres pessoas á mesa animada a que o dr. Florencio Lobo estava sentado, no *Martinho*, viéra, nesta altura, pôr termo á *interview*, que aí fica quasi stenografada, ainda que sem o calor, sem aquéla vibração nervosa que punha em cada uma das suas palavras o nosso entrevistado.

**Que o tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz irá responder a conselho de guerra pelos crimes de que aqui o temos acusado, não nos resta a menor duvida. O auto está sendo levantado e as provas produzidas vão ser esmagadoras.**

**Como complemento, só isto nos póde fazer admirar: se a justiça da Republica surge igual á que absolveu os crimes da monarquia.**

## Ao sr. comandante militar

Tomou posse, na segunda-feira ultima, do comando do regimento de cavalaria 8 aqui aquartelado, o tenente coronel da mesma arma, sr. Alberto de Oliveira.

S. ex.ª viveu largos anos entre nós, e aqui deixou profundas simpatias que agora revivem, sem duvida, mais engrandecidas e estreitas após a brilhante defêsa das instituições, em Chaves onde o sr. tenente coronel Oliveira, cumpriu digna e honradamente o seu dever de soldado e de português.

Cumprimentando s. ex.ª, a quem dâmos as bôas vindas, apressâmo-nos a apresentar o seguinte caso, na hipotese, se não nos enganâmos, de que s. ex.ª assume presentemente o cargo de comandante militar désta cidade.

Ha tempos foi perguntado pela respectiva secretaría aos dois medicos militares da reserva, aqui existentes, por quanto desempenhavam o serviço clinico de ambas as unidades, na falta dos respectivos facultativos que se ausentavam para o serviço de inspecções. Um, o dr. Lourenço Peixinho, declarou que o fazia por 1$000 reis cada dia; o outro, o dr. Pereira da Cruz, que v. ex.ª déve ha muito conhecer, declarou desempenhal-o por 1$500 reis diarios.

A quem pensa v. ex.ª que foi entregue a comissão dêsse serviço?

Ao que se prontificou a fazel-o mais barato, como deveria ser, por todas as razões?

Pois não, senhor, foi adjudicado ao sr. dr. Pereira da Cruz, pelos 1$500 reis diarios, custando o referido serviço ao Estado mais 15$000 reis mensaes, o que, permita-nos v. ex.ª, até suficiente explicação em contrario, representa uma imoralidade que não se quadra bem com a alta e honrosa significação duma farda!

Ha cêrca dum mez que aqui vimos referindo este estranho caso, sem que até agora tenhâmos obtido a mais insignificante elucidação sobre êle, que, como nós, muito bôa gente considéra um verdadeiro escandalo, improprio absolutamente da corporação que fômos sempre habituados a vêr fóra de tudo que não represente o direito e a justiça.

Na suposição, como dizemos, de que v. ex.ª possa, nêste momento, pelas suas funções, averiguar do caso, suplicâmos a sua intervenção indispensavel para que a opinião pública, de que nos fazemos éco, não continue sob a impressão de que se cometeu um acto que nada abona a entidade que tem por dever a maior isenção em tudo que se aproxime com imoraes favoritismos e escandalosas imoralidades.

E até que isso se faça, escusado será dizer que não abandonaremos o assunto, que dia a dia mais vae aguçando a curiosidade pública, ciosa de o vêr explicado.

## Os conspiradores

Acham-se já a ferros muitos dos incursionistas monarquicos assim como outros individuos contra quem se provou cumplicidade na tentativa de restauração do velho regimen, e que os tribunaes militares condenáram a penas varias.

O cabecilha D. João de Almeida deu entrada na Penitenciária de Lisboa juntamente com outros companheiros, havendo um padre a quem foi necessario mandar fazer fardamento por nenhum dos da casa lhe servir em virtude da sua obesidade.

Pésa 130 kilos!

### Em Aveiro

Tem estado nésta cidade, o capitão Maia Magalhães, um dos oficiaes que, pertencendo ao sector de Chaves, mais se distinguiu no combate que precedeu a derrota dos *paivantes*.

Cumprimentâmol-o.

## Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 15 de agosto de 1912.

Presidencia do vice-presidente, sr. Manuel Augusto da Silva. Compareceram os vogais Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, Sebastião Pereira de Figueiredo, e Vicente Rodrigues da Cruz.

Acta aprovada, em seguida ao que foram presentes e deferidos os requerimentos de: João da Silva Cravo, Adriano de Maos, Jorge Vinagre, Manuel Magalhães, Firmino Simões da Silva e de Manuel Tavares de Souza, todos désta cidade; de José dos Santos Capela, de Verdemilho; Antonio de Oliveira, da Presa; Emilia Marques Faria, de Mataduços; João Afonso Fernandes, da Quintã do Loureiro e de Antonio Gonçalves Cartaxo, do Rego da Venda, todos para alinhamento e licenças de construção;

De Abel Ferreira da Encarnação e Domingos José dos Santos Leite, désta cidade, para compra de terreno, no cemiterio municipal, em que se acham sepultadas pessoas de suas familias;

Do medico do partido, com residencia em Eixo, dr. Eduardo de Moura, pedindo 30 dias de licença e declarando que o substitue durante este tempo o seu coléga, egualmente medico municipal, dr. Abilio Gonçalves Marques.

Foi ainda presente um requerimento de Rui de Morais da Cunha e Costa, désta cidade, pedindo atestado do seu comportamento, que a câmara julgou bom.

Por fim, um oficio do grupo excursionista *Talabricense*, participando haver promovido uma excursão a Oliveira de Azemeis, que se realisa no proximo dia 18 do corrente, e pedindo para que a câmara se faça representar o que éla fará pelo seu ex.mo presidente, dando-se conhecimento désta resolução á câmara de Oliveira de Azemeis, como se péde no aludido oficio.

### "Cartilha Escolar,,

Recebêmos da mão do seu autor, o sr. Domingos Cerqueira, inspector de ensino primário do circulo de Aveiro, um novo livrinho para as creanças aprenderem a lêr, escrever e contar, que é de todos quantos temos visto no genero talvez o melhor pelo numero de gravuras e desenhos de que se faz acompanhar para melhor compreensão do aluno.

A edição é da casa Lélo & Irmão, do Porto, uma das primeiras livrarias do país, e como tal reconhecida pelos nossos literatos.

Agradecemos ao sr. Cerqueira o exemplar do seu novo livro.

## Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

| AGOSTO | |
|---|---|
| DIAS | PHARMACIAS |
| 25 | BRITO |

# Retalhos

*De que vale a honestidade e a honradez á face da pouca vergonha e da malandrice?* pergunta o *Bébes* no desafinado *orgão dos taberneiros.*

Vale pouco. Apenas dois decilitros em casa do *Mane'sinho da Harmonica*...

*Se a republica corresse a pontapés todos os falsos republicanos, estava conseguida a aspiração do povo português, e a Patria livre dêsses aventureiros que tanto a teem prejudicado e arruinado*, dil-o tambem o *Bébes* que tem autoridade para isso...

E ainda não o metêram dentro duma sargêta...

*Se a vergonha existisse em alguma gente, desapareciam os caloteiros, os malandros, os vadios e... alguma imprensa corruta e desmoralisadora.*

Não ha duvida. Lá se ia o *orgão dos taberneiros* com a véra efigie do *Bébes* e tudo...

*A calúnia é a arma cobarde que fére quando manejada por quem tem autoridade moral; mas quando nas mãos dos miseraveis, é semelhante á pedrada do garoto que foge quando a atira e a quem não podêmos aplicar o devido correctivo.*

Já se cá sabia. O que, porém, o *Bébes* ignora é que a respeito de correctivos não são êles tão faceis como emborcar é, a cértos *jornalistas*, um copásio do verdasco...

*Está doente a sociedade que não póde castigar os ladrões da honra nem os criminosos confessos.*

O' *Bébes* dá-lhe uma purga e espera-lhe a volta...

Regressou de Vizéla e partiu para a Costa Nova do Prado, onde já se encontrava sua esposa, o nosso amigo e correligionario, Manuel Barreiros de Macêdo.

# Da Costa Nova

### Cronica ligeira

Aproveitando um dos ultimos dias, prematura e suavemente outonaes e deixando-nos arrastar pela intima vontade dumas horas passadas fóra desta luta, que todos os dias nos envolve e mortifica, entregues sómente á lirica contemplação da cenografia natural que cérca a béla passagem que por qualquer lado se nos antolha, lançámo-nos para dentro dum dos barcos da carreira entre Aveiro e a Costa Nova, para mais poesia na viagem, e aceitando a amavel oferta duma cadeira, tomámos assento á ré da ligeira embarcação, que se nos afigura o mais formoso e bélo paquête de qualquer companhia transantlantica.

Piramides fóra, surpreende-nos centenas de pequenos monticulos, de fórma conica, brancos como pombas, disseminados em redor da cidade, que nos recordava um exercito bivacando na disposição de que sustenta um cêrco em fórma, á béla terra do mexilhão e das formosas possuidoras de tantos olhos estonteantes, que, muros a dentro désta Veneza em miniatura, fundos suspiros arrancam e não menos fantasias fazem brotar aos cerebros de apaixonados poetas e namorados que vão carpindo, existencia fóra, as desilusões de ontem e os dissabores de hoje!!!

O barco singra veloz nas limpidas aguas dos esteiros que uma brisa leve, mas presistente, encrespa suavemente. Pouco depois deixam-se aquélas onde entrâmos para passar ás que nos levam ao grande braço da ria que, alargando para o sul sucessivamente, nos conduzem á frente da Costa Nova, que envolta numa neblina, ainda que pouco densa, esconde o contorno gracioso da praia, apagando-nos do olhar prescrustador, o detalhe das suas edificações e... até dalguma gentil banhista, que, madrugadora e curiosa, descesse até ao caes do desembarque, a vêr as caras conhecidas que chegavam!...

Quando o *comodore* mandou, na sua voz sacudida e firme aproar á terra, espancando-me do espirito mil quiméras que a fantasia creára, alimentadas por todo aquele panorama, deliciosamente bélo, reentrei na realidade das cousas e então mais proximo e á luz do sol desembaraçada duns farrapos nebulosos que a intercetavam, a praia brilhou em toda a sua belêsa, na plenitude da sua graça e á clari-

dade suprema da sua originalidade.

Desembarcado, nuns grandes lances de vista, recolhi a béla impressão de toda aquéla paisagem inspiradora e suave que me impressiona na verdejante grandêsa do seu panorama, manifestada na comprida toalha de agua, serena como a alma dum justo e socegada como o olhar dum inocente, assim como na linha do horisonte, onde uma fila densa e negra de pinheiraes como guardando, ciumentos e ferozes, protejem e cercam as mansas aguas maculadas aqui e além, pela passagem morosa dum barco que agita e perturba o reflexo constante do sol, que vaidoso, espreita o seu disco na face polida e espelhenta da ria!

Recebido com o alvoroço duma surpreza agradavel, corri a vêr o mar, o autentico, o verdadeiro, o velho *talassa*, antes muito antes de existirem esses de fancaría que a comparação imbecil dum padréca qualquer, creára num momento infeliz e numa frase não menos desastrosa!

Ali me quedei bastante, na intima contemplação de amor e de assombro por aquêle eterno colosso, meigo e afavel, beijando-nos agora docemente os pés com a sua espuma branca como a candura, mas, pouco depois, ferozmente sacudido, esbravejando como uma lucta entre milhares de Titans, derrubando e subvertendo impiedoso e espumante, em coleras formidaveis, aquêles que êle surpreende sobre o seu dorso!

No regresso da praia, passei junto da capelinha que, perdida no meio da areia, conservava as portas abertas. Entrei.

O interior da ermida era para mim uma novidade. Despida de ornamentação, tem apenas tres modestos altares, onde umas imagens tôscas de alguns santos, vergonhosos exemplares de escultura, sustentam enormes barbas, que, sem ofensa, nos fizeram lembrar as do ilustre clinico o ex.^mo^ sr. dr. Pereira da Cruz, que pela sua permanente disposição, alguem supôz que eram de arame!...

Uma mulhersinha que nos olha desconfiada varre o chão e rapidamente vista a *nave central*, entrámos num compartimento reservado á sacristia e noutro onde estão armazenadas as ofertas que a ingénua crença popular, na sua triste simplicidade, ali leva, em paga dos benéficos serviços feitos aos oferentes pela bondade incomensuravelmente misericordiosa da mãe de Deus!

Mulêtas de madeira, pernas, braços, cabeças e corpos completos de cêra; cirios de todos os tamanhos, tranças de cabelo, madeixas abundantes, tudo ali está a atestar o grande numero de milagres que a divina senhora, entre um celestial sorriso e um gesto de protecção, dispensou aos seus crentes!

A um canto, um retabulosinho pequeno encimado por um desenho chama-me a atenção e vejo então que êle representa um interior dum quarto, no qual dum leito coberto por uma colcha verde, emerge a cabeça dum homem que deve representar o beneficiado, por cima de quem, suspensa no espaço, está a imagem da rainha do ceo, cingindo o menino Jesus.

Por baixo está escrito o seguinte que reproduso sem a alteração duma virgula:

*Milagre que fez nossa snr.ª da Saude a João André Batata désta Villa, o qual sendo atacado duma orrivel febre em dezembro de 1873 por espasso de oito dias continuadamente e já sem esperança alguma de vida e nas mesmas ancias da morte.*

*Então se lembrou com sua laborioza familia de pedirem á mey de D.ˢ que o aluviace de tão terrivel febre e de uma pontada que o atacava acada momento neste caso nossa senhora, foi servida ouvir as suplicas e lagrimas que derramavão do fundo de seus corações e logo teve melhoras com que recuprou profeita saude.*

*O qual veiu logo dar as Graças a nossa snr.ª de que era merecedora com todas as intimas de gratidão.*

*Ilhavo 25—1.º—75.*

* * *

No regresso, um grupo encantador aguarda-me, e, cercando-se a meza onde a alvura da toalha e a presença dos talheres, adelgaça o apetite, dá-se principio á refeição que a frase amavel duma dama classifica—*de banquete diplomata—sem a etiqueta do protocolo!*

Principia o assalto em toda a linha e á proporção que os pratos avançam eram vencidos numa prestêsa tal, que faria inveja aos mais afamados gastronomos... reduzidos, comtudo, ás proporções mais infimas!

Quando abandonamos o campo, coberto dos mais variados destroços, o sol tombava no horisonte, rubro, vermelho, como um grande carvão em braza e o mar espreguiçava-se dolentemente na praia, como quem procura comoda posição para melhor descançar.

Amortece o crepusculo e as primeiras sombras da noute fazem brilhar a luz baça e apagadiça da eterna Desdemona, que no seu quarto crescente, aparece como que a fugir no seu vasto jardim—o firmamento!

De subito ergue-se um côro de vozes, harmoniozo e cadenciado, ora dolente e triste, ora vivo e ardente, dizendo a seguinte balada, numa expressão tão intensa que até comove:

*A guitarra quando chora*
*Faz-me lembrar minha mãe,*
*Naquela maldita hora*
*Em que parti mundo fóra,*
*Fazendo-a chorar tambem.*

*A guitarra tem uns ais*
*Tão tristes, tão sofredores,*
*Que de cérto ferem mais*
*Do que a ponta dos punhaes*
*A' Virgem Santa das Dores.*

*Não ha balada mais grata*
*Guitarra, do que essa tua,*
*Quando á noute se desata*
*Toda em lagrimas de prata,*
*Que em silencio chora a lua!*

Os ouvintes, como eu, aplaudem os concertantes, que bisaram afavelmente a balada, executando outros numeros—sem programa—e envolto no dulcissimo olhar da regente de orfeon, que vale uma epopeia, tudo isso se passa como um sonho, e de real, encontro-me de novo a bordo do meu *transantlantico*, de olhar atento e investigador, até que ponho pé de novo no coração da cidade e eis-me de volta lançado nésta ingrata tarefa de escrever para os outros e falar... dos outros, sem alusão...

**Gualdino.**

---

**Não desconhecêmos as «démarches» que se têm feito para salvar o autor das «escroquerias», que vimos apontando, da tremenda responsabilidade que sobre êle impende.**

**E' que os «grandes», os «doutores» teem sempre quem os proteja ainda mesmo quando exploram o proximo, arrancando-lhes da algibeira, por procéssos indignos, o produto do seu trabalho.**

---

## Necrología

Sucumbiu no domingo nésta cidade a sr.ª D. Maria Amelia Ferreira da Paixão, senhora de acrisoladas virtudes e muito estimada pelos seus dotes moraes e intelectuaes de que deu sobejas provas durante os curtos anos da sua existencia.

Era filha da sr.ª D. Ana Ferreira da Paixão, e de seu marido Francisco Augusto da Paixão, antigo empregado da repartição de Fazenda, já falecido, e irmã do nosso amigo sr. Alberto Paixão, a quem acompanhâmos no doloroso transe porque acábam de passar.

* * *

Na Guarda, para onde tinha ido em procura de alivios que lhe suavisassem os sofrimentos, faleceu tambem no domingo passado a sr.ª D. Olimpia Nogueira Lopes Mateus, esposa amantissima do nosso presadissimo amigo e obsequioso colaborador, capitão Antonio Lopes Mateus que por largos anos pertenceu, como tenente, ao regimento de infanteria 24 aquartelado nésta cidade.

A triste nova não nos surpreendeu por quanto sabiamos do precário estado de saude da desventurada senhora a quem a medicina já havia condenádo por se achar impotente para combater o terrivel mal que a vinha minando. Comtudo foi com profunda magua que recebemos a dolorosa noticia por avaliarmos o quão grande déve ter sido o desgosto do nosso querido amigo Lopes Mateus ao vêr desprender-se da vida aquéla que ainda não havia cinco anos escolhêra para sua companheira e era a alegria do seu lar, toda a sua felicidade.

A sr.ª D. Olimpia Nogueira deixou na orfandade uma gentil menina de pouco mais de tres anos. Que éla, a interessante Fernandinha, sirva de lenitivo á dôr que nêste momento alanceia o coração do desolado pae, a quem daqui enviâmos, num apertado abraço, a expressão do nosso pezar pelo golpe que tão duramente acaba de o ferir.

---

**O DEMOCRATA**

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

---

ENTRE DOIS PÓVOS

# Aveiro e Oliveira de Azemeis

## Confraternisação e solidariedade

No domingo era o dia aprasado pelo *Grupo Excursionista Talabricense* para a excursão a Oliveira de Azemeis de ha muito em projecto, mas que os ultimos acontecimentos do norte haviam feito adiar repetidas vezes mercê da agitação dos espiritos, por ventura da má disposição para festas em que o país andava e especialmente nós, que preferiâmos vêr esquartejado o heroe da aventura a gosar no monte de La-Saléte o soberbo panorâma que de ali se disfruta. Isto mesmo pensou, sem duvida, o grupo, que afinal se resolveu a marcar para o dia 18 a excursão cometendo apenas a falta de não se entender com o Padre Eterno quanto ao tempo no que deu em resultado uma seringação, que não foi lá muito agradavel por importuna e impropria até da época, que atravessâmos, chamáda do estio.

Ninguem esperáva o tal. Entretanto as despêsas estávam feitas e a companhia do Vale do Vouga não fez mais do que cumprir o contrato pondo á disposição dos excursionistas aveirenses o comboio a que lhes dava direito o bilhete préviamente comprado para esse fim. Nestas circunstancias embarcámos tambem, nós que razão de sobra temos para crêr a Oliveira de Azemeis como á nossa propria terra, visto lá termos passado parte da nossa mocidade com amigos que nunca esquecêmos, companheiros que constituem ainda agora o motivo das mais gratas recordações de ha uma bôa duzia de anos.

A viagem, se não fôsse a chuva, teria sido encantadora porque realmente a linha do Vale do Vouga é de aquélas que se percorrem por gôsto, no dizer de todos quantos pela primeira vez a atravessam quer seja por Espinho, quer directamente por esta cidade, onde começa. Ainda assim tivéram os excursionistas ocasião de apreciar alguns dos pontos principaes, admirando-os e apontando-os como dignos de se compararem com as diferentes paisagens do estrangeiro, os montes da Suissa, por exemplo.

Deviam ser perto de 9 horas e meia, se já não varasse, quando o comboio entrou nas agulhas da estação de Oliveira de Azemeis onde era aguardado pela corporação dos Bombeiros Voluntarios da vila, sob o comando do sr. João Lourenço da Silva, uma banda de musica, representantes de diversas colectividades e muito povo, que dispensáram aos excursionistas uma carinhosa manifestação de simpatía trocando-se mutuas saudações e cumprimentos com o entusiasmo proprio de quem se visita pela primeira vez.

As duas corporações de bombeiros, de Aveiro e Oliveira, reunidas na mesma comunhão de ideaes, trocam tambem reciprocas saudações depois do que todos se põem em marcha para a vila, que os excursionistas atravéssam cheios de reconhecimento pela cativante recéção dispensada pelos seus habitantes a todos quantos num anceio de confraternisação e solidariedade ali vão passar o dia consagrado ao descanço. Das janélas mãos delicadas de senhoras formosas atiram flôres, os vivas aos povos das duas localidades ecoam no espaço e é assim que se entra na casa da câmara, cujo largo, bem como a rua Direita, se acham embandeirados, onde tem logar a sessão soléne de bôas vindas. Ali falam, em primeiro logar, o sr. Baltar Martins, em nome da Comissão Municipal Administrativa, que agradece aos excursionistas aveirenses a sua visita, cumprimentando-os a todos indistintamente. Depois tem a palavra o sr. dr. Bento Guimarães, que os oliveirenses estimam pelas qualidades de caracter e fina inteligencia de que é dotado. Diz que fala em nome da comissão dos festejos para agradecer a visita do povo aveirense, lamentando que na excursão não tivésse tomado parte o digno filho désta terra dr. Joaquim de Mélo Freitas, por quem nutre a maior estima desde longa data. Queria-o vêr ali levantar a sua vóz maviosa como a do rouxinol, pois lhe reconhece dotes oratorios que sempre o tornaram crédor da sua admiração e estima.

Aos dois oradores segue-se o nosso coléga da *Liberdade* Alberto Souto, que agradece os cumprimentos da câmara e a recéção dos oliveirenses visto ali representar a Comissão Municipal Administrativo de Aveiro e o *Grupo Excursionista Talabricense*. Diz os motivos que presidiram á formação deste grupo, que tem por fim tornar conhecidos todos os póvos do distrito para que desapareçam quaesquer rivalidades existentes entre êles, o que se não torna dificil se todos se compenetrarem a valer de que os tempos não vão para lutas, mas sim para trabalho, paz e harmonia donde provenha o engrandecimento da patria, a felicidade da nação.

Alberto Souto termina o seu discurso com uma saudação a Oliveira de Aveiro, por ser das mais importantes e lindas vilas do distrito e possuir verdadeiros patriotas de cuja iniciativa tem saído quasi todo o seu progresso. E' muito aplaudido.

Termináda a sessão dirigiram-se os bombeiros de Aveiro á séde dos seus colégas onde fôram recebidos pelo presidente da assembleia geral, dr. Sá Couto, que em frase burilada, quente e cheia de sentimento patriotico, lhes significou o quanto era agradavel aos oliveirenses a sua visita. Alarga-se em considerações ácêrca das belêsas naturaes da terra, terminando por fazer os elogios de Alberto Souto, como deputado ao Congresso e rapaz de incontestavel valor intelectual e do director do *Democrata* para quem têve palavras imerecidas, filhas da velha amisade que intimamente os liga e que só por isso desculpâmos a fraca lembrança do dr. Sá Couto em aludir, da maneira por que o fez, ao humilde representante dêste semanário.

Na sua qualidade de inspector dos bombeiros désta cidade, respondeu-lhe o sr. Manuel Gonçalves Moreira, que agradeceu á corporação de Oliveira de Azemeis todas as suas gentilêsas e Arnaldo Ribeiro por si e por Alberto Souto, agradecendo da mesma sorte as amabilidades do distrito advogado oliveirense.

Findas estas visitas oficiaes, dispersaram os excursionistas pela vila e seus arrabaldes indo a maior parte almoçar para o monte de La-Saléte donde se disfruta o mais bélo, o mais agradavel, o mais impressionante panorâma que os nossos olhos teem visto. Não se descreve o que é essa montanha que a dedicação, o patriotismo e o amôr dos oliveirenses pela sua terra estremecida transformaram em formoso parque a que nem sequer falta um lago com pequenos barcos para recreio dos visitantes, grutas e outros atrativos que o tornam entre todos que conhecemos o melhor e mais aprazivel, tal a sua grandêsa e a vista que do alto se divisa na extenção de muitas léguas, capaz de deixar estatico o mais feliz viajante do mundo.

E' que não ha mesmo com que comparar essa obra que a iniciativa particular deliniou, aproveitando o monte de La-Saléte para dêle fazer um observatorio das variadas creações da natureza, obra que é bem um titulo de gloria para a comissão de oliveirenses que tomou sobre os hombros o encargo do progresso da terra, e especialmente o seu digno presidente, Domingos Costa, a cuja tenacidade, inteligencia e trabalho se déve em parte a transformação da montanha naquilo que é hoje, sem falarmos já no que déve vir a ser no futuro quando Domingos Costa tivér conseguido a realisação dos novos projectos que traz em mente. Homens désta tempera é que nós precisávamos em Aveiro. Patriotas como Domingos Costa, Alfredo Alegria, Bento Carqueja e tantos outros que Oliveira possue é que Aveiro campáva se tivésse a fomentar o seu progresso, o seu engrandecimento. Infelizmente não nos é dada essa fortuna. Adeante.

Devido á gentilêsa do sr. Francisco de Abreu e Souza, co-proprietario duma importante fabrica de vidro em laboração—a *Boémia*—nas proximidades de Oliveira, tivémos ensejo de ir vêr tambem, no seu automovel, o vale do Caima, junto duma pequena povoação chamada Coelhosa e que é egualmente um dos pontos dignos de serem observados pelos *touristes*.

A's 18 horas realisou-se o jantar de confraternisação, servido no *Hotel Avenida* aos excursionistas e para o qual a comissão dos festejos convidou o *Grupo Talabricense*, representantes da imprensa, etc. Uma banda, que nos disséram pertencer á fabrica *Boémia*, executa em frente ao edificio alguns trechos de musica, e é no meio de enorme alegria que decorre o banquête com a assistencia de algumas senhoras de Aveiro que na excursão haviam tomado parte.

Iniciou a série dos brindes o sr. dr. Bento Guimarães, para significar aos excursionistas a satisfação que lhe ia n'alma ao recordar-se da sua visita e dos momentos passados em afectuoso convivio. Segue-se-lhe Fernão de Lencastre, administrador do concelho, que visa especialmente o dr. Joaquim de Mélo Freitas, cuja ausencia deplora; dr. Amadeu Alegria, ás senhoras de Aveiro; dr. Jaime de Mélo Freitas, agradecendo o brinde de Fernão de Lencastre; José Vidal, que tem palavras repassadas de saudade por Aveiro, onde passou a sua mocidade; outra vez Fernão de Lencastre, á imprensa republicana de Aveiro nas pessoas de Alberto Souto e do director do *Democrata;* Alberto Souto, que ergue um hino ás belêsas naturaes de Oliveira de Azemeis enaltecendo os seus habitantes pelo patriotismo de que são dotados; Manuel Gonçalves Moreira, agradecendo em nome dos bombeiros de Aveiro as cativantes provas de solidariedade e simpatía de que tem sido alvo e bebendo pelos Bombeiros Voluntarios de Oliveira de Azemeis; Viriato de Souza, membro do *Grupo Talabricense* á comissão de Oliveira, que tão prodiga foi em amabilidades dispensadas aos excursionistas; Arnaldo Ribeiro, ao progresso de Oliveira de Azemeis, vila sua predilecta e em especial a Domingos Costa, Fernão de Lencastre e dr. Antonio Maria Pereira Vilar, amigos velhos que jámais poderá esquecer; Francisco da Encarnação, comandante dos bombeiros de Aveiro, a todos quantos concorreram para o brilhantismo da festa e por fim o sr. dr. Bento Guimarães ao grande benemerito de Oliveira, Bento Carqueja pelos serviços prestados áquéla terra.

Eram perto de 21 horas quando o banquête terminou e os excursionistas começaram a saír do hotel agradavelmente impressionados pelo entusiasmo que durante êle reinou e ainda pela forma como foi servido por jovens oliveirenses, entre élas a Arminda, filha do dono a casa, que é, sem favor, uma galante rapariga de olhos azues e rosto de fada, isto sem falar no *menú*, que foi primoroso e variado.

Como a chegada, o regresso a Aveiro fez-se debaixo de chuva. Apezar disso, os oliveirenses acompanharam á estação os seus hospedes, organisando uma marcha *aux flambeaux* precedida pela musica que os havia esperádo de manhã e que á partida do comboio entoou o hino nacional emquanto os excursionistas e o povo de Oliveira de Azemeis trocavam as ultimas despedidas erguendo vivas ás duas terras amigas, á solidariedade humana, á Patria e á Republica que só termináram com o desaparecimento da locomotiva na primeira curva da linha.

Prometeram-nos os oliveirenses uma visita Aveiro no proximo outôno para pagamento désta que agora lhe fizémos. Ser-nos-ha grato recebêl-os. Se não com a galhardia que da sua parte foi observada, ao menos com a sinceridade dum povo reconhecido e grato.

---

## MODOS DE VÊR

Diz-nos alguem, em bilhete postal anonimo — em Aveiro abunda muito este genero de escrita — que a nossa campanha de moralidade levantáda contra as *escroqueries* do medico Pereira da Cruz, não passa duma exploração e por isso sômos censurados.

Realmente assim déve ser. Contra nós é que se devem insurgir todos os *patriotas* porque afinal de contas isto de explorar os incautos extorquindo-lhes dinheiro e intrujando-os com promessas que por principio algum hoje se pódem tolerar, já chega a atingir as culminancias duma grande virtude.

Que a câmara não pérca de vista o nome do sr. Pereira da Cruz, o *martir*, que bem merece, talvez, a consagração do concelho...

---

# HAJA MORALIDADE!

O nosso coléga *Bairrada Livre*, pela penna do seu colaborador Manuel Gomes Junior, escreve:

Vae em breve proceder-se a inspecção dos mancêbos que devem este ano dar ingresso nas fileiras do nosso exército de terra e mar. Quasi toda a imprensa republicana do nosso distrito está-se ocupando desenvolvidamente das irregularidades, para não dizermos escandalos, que, segundo está largamente demonstrado, se praticaram, isentando individuos que só por baixo caciquismo podiam deixar de ser apurados.

Fizémos a Republica para acabár com um regimen de torpêsas, absurdos e imoralidades; mas, pelo simples facto de que já cá temos a Republica, não deixaremos de empunhar o azorrágue, para o brandir sobre os lombos dos vendilhões do templo sagrado da Patria!

Bem sabe o leitor que não usâmos empregar nos nossos humildes escritos, aquêles termos despejados, violentos, próprios de insofridos demolidores.

Ora o caso de que nos estâmos ocupando, não é dêstes que se purificam sem uma enérgica reacção.

*O Democrata*, de Aveiro, apresenta-nos um dos muitos exemplares da corrução, do enxurro, da lama, que a monarquia nos legou. Segundo aquêle denodado coléga, o medico Pereira da Cruz, ainda o ano passado, já em plena República, isentáva mancêbos, a um tanto por cabeça! E, esse médico, ainda veste uma farda de oficial do exército português!! Póde isto continúar, senhor Ministro da Guerra?

A *Independencia de Agueda* tambem, embora com mais benevolencia, verbéra o caciquismo que se fez o ano passado, em matéria de isenções, nas inspecções de recrutas e incita os rapazes a que percam o horror á farda, apontando-lhes o devêr que todos temos de nos instruir e adestrar para, num dado momento, defendermos este Portugal tão abatido e humilhado, mercê da educação jesuítica e anti-patriotica que a monarquia lhe imprimiu.

Tambem, por seu turno, a *Bairrada Livre* já por mais de uma vez se referiu ao caso, demonstrando que a mesma infamia se repetiu em Anadia, com gaudio da talassaria e revolta dos republicanos que não estão dispostos a deixar a revoltante iniquidade sem o seu mais veemente protésto.

Saiba o povo que nenhum republicano digno póde servir de intermediário na isenção de mancêbos, sob pena de se desonrar. Mas, infelizmente, tem havido quem esqueça o seu passado ou quem se apresente com a máscara de republicano, a querer praticar, dentro da Republica, as mesmas scenas que cobriram a monarquia de ignomínia.

Factos? provas? Quantas se queiram, quando as exigirem.

Senhor Ministro da Guerra: Se v. ex.ª quer acabar com tão revoltantes especulações, nada mais tem a fazer do que punir inexoravelmente todo aquêle que se prove ter pedido a isenção de qualquer mancêbo do serviço militar.

Fóra com os traficantes!

Ha nêste artigo apenas uma inexatidão: não foi o ano passado que o tenente medico Pereira da Cruz *livrou* mancebos por dinheiro. Foi este ano e ainda ha pouco tempo, como têmos vindo demonstrando nêste jornal.

---

# CORRESPONDENCIAS

## Cacia, 14

Muito improprio da quadra que vamos atravessando tem estado o tempo nestes ultimos dias.

Em pleno agosto e frio, foi coisa que nunca experimentámos senão este ano.

=Ali para os lados da Ágra ha uma tal sucia de rapazio, alastrada por melanciaes, milharais e vinhas que mais nos parece uma prága de gafanhôtos do que um formigueiro humano de malfeitores. Aos pais das *inocentes* creanças pedimos para que tenham a maxima cautéla com élas, repreendendo-as, para bem de todos, de abusarem daquilo que não lhes pertence visto terem os seus dônos ligitimos. Em tempo algum se viu o que agóra se está vendo.

= Já começáram as tradicionaes escamisadélas, o tempo prediléto da nossa rapaziada.

Que pena eu sinto ao lembrar-me que tanto gozei e me deverti, quando éra mais novo...

Como tão triste é, um homem sêr velhóte!...

Dentre os *habitués* das desfolhadas contam-se os Rodrigues da Béla e Fer-

reira da Costa, rapazes cheios de vida e saude, que não perdem um momento, tão bem sabem aproveitar todos os bocadinhos...

=Dentro da melhor ordem realisou-se no passado domingo, 11, a fésta da Senhora das Neves, em Angeja. Não ha memoria duma festa que nos deixasse tão gratas recordações. Foi queimando grande quantidade de fôgo de artificio que muito agradou, assim como um lindo fôgo prezo, do melhor que temos presenciado.

Tambem subiram ao ár grande numero de aerostatos que, diga-se a verdade, dão muita graça a estas funções. As filarmonicas Angejense e Murtoense, que tocaram alternadamente na vespera até ás 4 horas do dia seguinte, e á tarde, no arraial, até á noite, agradaram muito.

= Chegaram ha dias a esta freguezia os nossos amigos sr. José Marques Damião e Antonio Dias da Silva Coelho. A Angeja chegaram tambem os nossos dedicados amigos srs. Manuel Nunes da Silva, João dos Santos e sua querida esposa e Francisco Rodrigues Serém.

A Fermelã José Nunes Ribeiro Fidalgo espoza e afilhada.

A todos, os nossos cumprimentos de bôas vindas.

C.

## Anadia, 19

Reuniram ontem no Centro Escolar Democratico as comissões do concelho a fim de escolherem entre os muitos pretendentes a oficial de diligencias, nésta comarca, o que mais aptidões tivésse de entre os mais necessitados. Néstas condições houve ainda mais do que um, sendo a escolha feita por meio de listas, o que deu em resultado haver empate em dois pretendentes, os quaes vão ser indicados ao respectivo ministro para ser nomeado um dêles para o dito logar de oficial.

=As mesmas comissões e outros republicanos escolheram tambem a nova Comissão Municipal politica, visto que a anterior pediu a demissão em seguida ao seu presidente. Foi apresentada a lista dos cidadãos que formariam a nova comissão, que logo foi aprovada, sendo assim constituida:

*Efectivos*—Aristides Seabra, Alberto Sobral, José Francisco Pereira, Adriano Rodrigues Cancéla e Joaquim José de Barros.

*Substitutos*—Henrique Rodrigues, Antonio Ferreira de Campos Junior, Manuel Cerveira Rosmaninho, José Rodrigues da Conceição e José Henriques de Oliveira.

=No proximo passado dia 16 terminaram os exames do 2.º gráu, dêste circulo escolar; os do sexo feminino terminaram no dia 7.

Todos os concorrentes do circulo aqui prestaram as suas provas, excéto os do concelho de Agueda, onde, a requisição da Câmara, houve tambem juris. Os resultados dos exames aqui feitos, fôram:

*Sexo feminino*—Aprovadas 20 e distintas 4 (total 24).

*Sexo masculino*—Aprovados 64, reprovados 5, distintos 1, e desistentes 1. Total 71.

C.

## Alquerubim, 13

Chegaram hoje de Lisboa os cidadãos, drs. Arnaldo Lemos e Madeira Pinto.

=Fôram deslumbrantes os festejos á Senhora de La-Saléte, em Oliveira de Azemeis.

Póde dizer-se que Oliveira de Azemeis tem um sitio onde se faz a melhor festa do distrito de Aveiro. Muitos milhares de pessoas ali vão ver os lindos festejos, não faltando tambem uma bôa *colonia* de gatunos que fizéram a sua colheita de relogios, correntes, cordões de ouro e dinheiro de alguns desprevenidos. De aqui a alguns anos, a montanha de La-Saléte será um dos pontos mais bonitos do país.

Algumas carruagens do comboio do Vale do Vouga, que marcam 28 logares, transportaram mais de 60 pessoas.

=O milho continua por preço elevado assim como o vinho.

=As uvas amadurecem muito irregularmente. Ha cachos maduros, a apodrecer, e outros completamente verdes, e por isso o vinho será de inferior qualidade.

C.

## Pinheiro, 12

Com demora de algum tempo, chegaram da capital as sr.as Ana Martins Abreu e sua filha Antonia Martins Abreu.

=De visita aos seus, está entre nós a sr.a Ana Lopes Mélo.

Cumprimentâmol-as.

=E' esperada a familia do nosso amigo Antonio Pires Linhares, vinda da capital, seguindo depois a passar a época balnear na praia da Torreira.

=Manifestou-se, na segunda-feira, incendio na casa do nosso amigo Manuel Abreu, que felizmente foi logo extinto por populares que entraram por uma janela. Como ninguem se encontrava em casa, podia o facto ter tido gràves consequencias.

=Vão adeantadas as colheitas dos milhos altos.

=Devido ás ultimas chuvas é natural que apodreça alguma uva o que traz descontentes os vinicultores. Por tal motivo, tem de principiar as vindimas mais cedo.

=Faleçeu, em Calvões, um filhinho de tenra edade da sr.a Julia Manteigas, sem assistencia medica.

= Aqui consignâmos o nosso agradecimento ao sr. Joaquim de Matos pela maneira pronta como atendeu o nosso pedido mandando consertar a canalisação da agua para o consumo público havendo já a suficiente abundancia na respectiva fonte.

Foi sem duvida um benefico serviço que o sr. Matos prestou aos seus conterraneos.

=Passa no proximo dia 15 o aniversario natalicio do nosso bom amigo Manuel Branco de Oliveira, a quem enviâmos as nossas felicitações assim como ao seu estremecido filho, por egual motivo.

=O *Progresso de Alquerubim*, merece o nosso maior aplauso pela fórma como aprecia a situação politica do concelho.

Tambem nos parece que para traz só anda o caranguejo, não restando duvida alguma que teremos, quer queiram quer não, de seguir para a frente—que é o caminho!

C.

## Castélo de Paiva, 13

Consta que pedira a demissão de secretario da administração o sr. Manuel Moreira, *talassa* que foi preso como conspirador, e posto em liberdade pelas falsas informações do seu chefe. O conspirador que na administração do concelho insultou alguns republicanos negando-lhe justiça e revelando os segredos da repartição, teve de se demitir antes de o mandarem para o olho da rua, o que não podia deixar de suceder.

A questão era de tempo.

Quem avisou o ex-paroco de Real, que não foi preso, pela terceira ou quarta vez?!

Consta mais que alguem queria que o ex-secretario pedisse licença por 6 mezes! Será á espera de Paiva Couceiro?

=O tempo melhorou um pouco.

C.

# EDITAL

**André dos Reis, bacharel formado em direito e presidente da Comissão Administrativa dos Bens do Estado no concelho de Aveiro:**

Faço saber que no dia 15 de setembro próximo futuro por 12 horas e no edificio da Administração déste concelho se hade proceder em hasta pública ao arrendamento para o ano agricola de 1912 a 1913 (1 de outubro de 1912 a 30 de setembro de 1913) dos seguintes bens:

*Freguezia de Arada*

*a)* Terreno a horta junto á residência paroquial, sendo a base da licitação 4$500 reis.

*b)* Passal junto á Quinta da Bôa Vista, base da licitação 50$000 reis.

*Freguezia de Esgueira*

*c)* Quintal anexo á residência paroquial, base da licitação 1$500 reis.

*Freguezia de Eixo*

*d)* Quintal anexo á residência paroquial, base da licitação 2$000.

*Freguezia de Requeixo*

*d)* Passal, base da licitação 2$000 reis.

*Freguezia de Eirol*

*f)* Quintal anexo á residência, base da licitação 2$000 reis.

*Freguezia da Oliveirinha*

*g)* Quintal anexo á residência, base da licitação 3$000 reis.

*Freguezia de Cacía*

*h)* Passal todo, ou ás leiras, sendo a base da licitação 5$000 reis por cada leira, ou 60$000 reis todo.

*i)* Casa de residência em ruinas e quintal anexo, base da licitação 3$000 reis.

*Condições*

*a)* O arrendamento começará em 1 de outubro de 1912 e terminará em 30 de setembro de 1913.

*b)* O pagamento das rendas será feito no dia 1.º de outubro de 1913, devendo os arrendatários dar fiador idóneo no acto da arrematação.

*c)* O arrendatário não poderá cortar arvores ou fazer quaesquer modificações sem autorisação da Comissão, não tendo direito a indemnisação por bemfeitorías que não sejam legalmente autorisadas.

Aveiro, 21 de agosto de 1912.

ANDRÉ DOS REIS.